

REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa - PORTUGAL  
End. tel. T. 1100 - Lisboa - Telefone 11  
Officinas de Impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O PREÇO DO PAPEL

O Mundo publicava há dias um artigo em que, tratando da momentosa questão do papel de impressão, expunha as consequências que para a imprensa poderiam resultar do aumento de preço daquele artigo, que vendo-se, antes da guerra, a oito centavos o quilo, vai passar a custar, a partir de Julho próximo, a fabulosa quantia de dois escudos!

A Batalha não se tem desinteressado deste importantíssimo assunto, e até numa das ocasiões em que o ataque de frente serviram as nossas palavras a uma deslizada exploração por parte dos meios das empresas jornalísticas, coligadas para o efeito de contrariar as reclamações dos operários tipógrafos, embora essas mesmas empresas, que nos conste, não se tenham preocupado, até hoje, em consentir qualquer acção a operar as indústrias papéis, cuja ganancia atinge proporções verdadeiramente fantásticas.

Não se compreende na verdade que as empresas jornalísticas se unam para combater os operários que reclamam um aumento de salário, que aliás as exigências da vida sobremaneira justificam, e se submetam quasi com indiferença às ininterruptas extorções a que as companhias papéis as sujeitam, com a agravante destas exigências não terem a justificativa qualquer razão séria.

Eis o que O Mundo escreve sobre o assunto em referência:

Tem-se tratado entre nós quasi ligeiramente da questão do papel, - questão que é mais grave do que muita gente pensa. E é preciso tratá-la devidamente, porque as suas consequências podem ser verdadeiramente terríveis. O papel de impressão para jornais era comprado antes da guerra a oito centavos cada quilo; actualmente custa um escudo e sessenta centavos. Informam-se certas que temos dizem que em breve esse custo se elevará a dois escudos cada quilo. Isto significa simplesmente que o papel de impressão aumentou de 1914 a 1920, dois mil por cento, percentagem que vai ser ainda maior. Acaso é isso razoável? Não haverá o direito de intervir no preço do papel tornando-o mais barato? Essa loucura de aumento de preço pode continuar?

A própria dignidade da imprensa exige que essa situação anormalíssima se modifique.

Os jornais que não tenham a auxiliares as empresas que necessitem de defesa - essa defesa só é feita, geralmente, em prejuízo do público - não podem viver. Esses jornais ou alugam mercantilmente as suas colunas, ou morrem desastrosamente. Se não quiserem deixar de existir tem de ser venais. Tudo por causa do preço do papel. Sem o papel em quanto importa cada quilo de papel desde Dezembro de 1919 até agora.

1919	
Dezembro .....	\$40
1920	
Janeiro .....	\$50
Março .....	\$70
Abril .....	\$90
Junho .....	\$160

Qual a razão existente para esses aumentos tão desproporcionados? Desconhecemos.

Cremos, mesmo, que não há nenhuma. As matérias primas têm subido, os salários têm subido, também, mas apesar disso, com toda a sinceridade, não acreditamos que a indústria tenha necessidade de fazer um aumento de

Folhetim de A BATALHA

N.º 1

CARLOS MAGATO

15-VI

OS COMUNEIROS

### O filho de Torquemada

#### CAPÍTULO I A PREDICAÇÃO

No elevado planalto das Castelas, fugido no inverno da aspera nordeste, gregado no estio pela canícula, estendia-se na primeira metade do século XVI, perto de Aranjuez, um verde e fresco oásis, desaparecido depois: a Concepción. Este domo pertencia ao fidalgo Pacheco, marquês de Mondejar.

## NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Como é sabido, foi no sábado último véspera de Santo António, e por tal motivo se realizaram, em vários pontos da cidade, rasgadas festarolas, as festarolas tradicionais, festarolas um pouco, nas quais os restos de paganismo permanentes na alma popular se expandem desmedidamente. Eu creio porém que nenhuma das festas realizadas ultrapassou em curiosidade e interesse a que teve lugar no Bairro Grandela, a estrada de Bemfica. Nesta mesma opinião abunda o dr. José Pontes, conforme se vê pela leitura da Pátria de anteontem. A festa do Bairro Grandela...

— Só para ver isto merece a pena lá ir — diz o sr. Francisco Costa ao dr. José Pontes. — A Pátria de anteontem, — O concurso dos grilos? — Sim, é uma excentricidade que sempre desperta entusiasmo. Colocam-se as crianças que concorrem, em fila e com as suas pequenas gaiolas. Dá-se um prêmio ao grilo que cantou primeiro e também ao que levou mais tempo a cantar. — Tem graça...

Tem inmensíssima graça, realmente; e não ofende. O dr. José Pontes está seriamente convencido disso, e lá dizia na Pátria:

«Tem espírito inventivo um programa desta natureza. E quem o criticar dizendo-o infantil ou disparatado, não sabe o que diz.»

Não sofre dúvida, e não sei eu quem procure empanar o merecimento do programa em geral e do concurso de grilos, em especial, número raramente imaginário, a que eu não tive o prazer de assistir mas de que faço uma ideia por certo insuficiente. Todavia, uma observação me permito aqui apresentar, referente ao facto de se não ter convenientemente aproveitado a presença dos juvenis concorrentes, «colocados em fila», para ante eles se produzirem uma palestra, por muitos títulos educativa e instrutiva, a qual poderia ser cometida a um pedagogo ilustre, o dr. José Pontes, por exemplo. Para fôr, evidentemente seria escolhido o papel do grilo nas sociedades preletivas e presentes. Ao conferente cumpriria explicar as variadas aplicações do sêbo de grilo, maneira de obtê-lo, e bem assim o modo de captar aqueles salitantes ortópteros. Contaria depois, com grande proveito moral da purificação atenta, a história trágica daqueles grilos que se comeram uns aos outros, recomendando aos meninos que não fizessem outro tanto, por causa das doenças de peito. O conferente trataria também do valor alimentar da alfaca, e do fomento da indústria de gaiolas para grilos; e assim continuaria até que todas as bichezas concorrentes tivessem cantado, habilitando assim o júri à distribuição dos prémios. Quere-mo parecer que deste modo o concurso ganharia em valor, e ficaria completo no género, capaz de servir de modelo aos estrangeiros, pois em não duvidar que os concursos de grilos passem dentro em breve a constituir o mais interessante espectáculo de todas as nações civilizadas. No grilo é que está a verdade. Este profundo conceito é de Pestalozzi.

Segura um livro na mão, mas não lê; parece ter os olhos fixos ao longe ou no futuro.

O corpete de veludo preto realçado por uma gola de renda fina e a saia de seda aninçada que a passeante pertence a classe nobre e rica. Não está só: segue-a a passos contados uma mulher de cerca de quarenta e cinco anos, feia e barbuda como todas as duenas que se prezam. Nesse país, musulmano na véspera, fanáticamente cristão em seguida, onde há de subsistir ainda por três séculos o espírito da idade média, havia de ter graça andar uma senhora de alta linhagem sósinha como uma miserável gitana!

— Senhora... (1), disse a ia.

A jovem não respondeu; não ouviu. O seu espírito segue o curso das suas reflexões.

Maria Pacheco, filha do marquês de Mondeja, pensa na vida que diante de si se abre. Já aparecem moços fidalgos, suspirando discretamente, envolvendo-a em homenagens respeitadas mas significativas. Que fidalgo se não sentiria orgulhoso por poder abertamente disputar a mão dela?

Ela vê, sem reparar, o enxame zunbido desses pretendentes engodados pela sua beleza e também pelo seu dote, pois a casa dos Pachecos é uma das mais notáveis de Castela. E em todas as épocas o lado interesse foi muito

(1) O tratamento de senhora, como o de madame em França, dava-se às fidalgas solteiras como às mulheres casadas.

## A CARESTIA DA VIDA

Um artigo que não sendo nosso quasi diz o que temos afirmado

O sr. José Lucas Coelho dos Reis publicou no Século (da noite) de anteontem um interessante artigo, que nos permitimos a liberdade de transcrever, dados os ensinamentos que dele as classes trabalhadoras podem tirar.

Apesar do sr. Coelho dos Reis examinar a questão duma forma um pouco diferente daquela que costumamos usar, o facto é que na sua essência estamos concordes. Este artigo vem reforçar a razão que assiste ao povo trabalhador em exigir melhor paga ante esta tremenda carestia. Num ponto apenas estamos em desacordo: é naquele em que o articulista se refere aos salários. Se a vida aumentou em 900 %, pode crer o sr. Coelho que o salário mal atingiria 500 %. Portanto, não é o salário que concorre mais directamente para o agravamento do custo da vida.

Se o salário concorresse assim tam directamente para esse agravamento, a carestia sentir-se-ia muito menos porque o operário equilibraria a receita com a despesa e ninguém se incomodaria a fazer greves.

Demos a palavra ao sr. José Lucas Coelho Reis.

Em 1901 Basílio Teles publicou um livro intitulado A carestia da vida nos campos. Nessa época o ilustre financieiro e economista classificava de terrível a carestia da vida e para o demonstrar elaborou a seguinte tabela dos preços que os vários géneros tinham em 1890 e 1901:

	1890	1901
Petróleo .....	20 litros 25200	21150
Algodão .....	15 quilos 35400	38600
Arroz .....	15 " 15300	18650
Bacalhau .....	15 " 25200	28600
Ovos .....	Dúzia 1120	1150
Feijão .....	Litro 3035	3046
Milho .....	" 3033	3031
Trigo .....	" 3045	3053
Sabão .....	Quilo 1143	1120

Pelo confronto destas duas tabelas, vê-se que durante um período de dez anos os preços sofreram um agravamento que não foi além de 10 por cento. E no entanto Basílio Teles não teve dúvida em classificar de terrível a carestia da vida.

Erros que de longe veem, agravados com os dos últimos anos e com a situação precária em que a guerra nos deixou, criaram ao nosso país, financeira e economicamente falando, verdadeiramente uma situação assustadora.

É do conhecimento geral que os géneros de primeira necessidade, calçados, etc., tem atingido uns preços de tal ordem, que tornam a vida insuportável para todos.

Para todos nós direi bem, porque aqueles que tinham fortuna e os que tem enriquecido à custa da miséria do povo, aproveitando-se desta terrível situação, não podem passar privações.

Eu bem sei que as questões económicas estão sujeitas a muitos factores, e que elas não se resolvem a martelo, mas sim com muita ponderação, sendo tratados por competências, e quando estas sejam empregadas para beneficiar o maior número.

Pelo resultado do trabalho a que me dediquei, apurei que os preços dos principais géneros indispensáveis em qualquer casa eram em 1914 e actualmente os seguintes:

Bacalhau .....	Quilo 220	1360
Arroz .....	" 110	368
Sabão .....	" 140	1510
Pão .....	" 307	330
Feijão verde .....	" 304	340
Batatas .....	" 302	220

considerado pela maior parte dos casa-douros.

Entre esses suspirantes, há-os que já gregareiam na Itália ou que tem ascendentes a caminho da riqueza na conquista do Novo Mundo; outros gabam-se de poder chegar aos altos cargos, graças ao apoio de alguma personagem com influência na corte. Todavia, nenhuma dessas considerações parece impressionar Maria, e a figura que pouco a pouco se precisa, surgindo como que de um impalpável nevoeiro e erguendo-se diante dela, é a do moço cavaleiro toledano, que nunca saiu de Espanha nem pensa em alcançar um dia as boas graças de Carlos V.

Entretanto, Juan Padilla também pertence à alta nobreza, sendo seu pai gran-comendador de Castela; mas nunca uma alma generosa desprezou mais do que ele os penduricalhos e as vaidades de casta. Tem 25 anos, não procura brilhar nos torneios, nem fascinar com belas palavras. É modesto e reservado, a ponto de parecer tímido; mas quando alguma circunstância o impele a tomar a palavra, causa pasmo pela justeza das suas vistas e pelo vigor com que as exprime.

Tendo vindo a uma festa campestre para a qual o marquês de Mondejar convidara a nobreza da região, Padilla ergueu os olhos para Maria e esta sentiu que esse olhar decidia da sua vida. E agora que o cavaleiro regressou a Toledo, segue-o a alma da jovem, vê-o no palácio de seu velho pai, passando pensativo. Com certeza, há de pensar

Toucinho .....	Quilo 228	1875
Banha .....	" 330	2500
Chourico .....	" 344	2580
Carne de carneiro .....	" 220	1860
Algodão .....	" 224	880
Petróleo .....	Litro 110	305
Feijão .....	" 306	330
Ovos .....	Dúzia 120	1800
Carapaus .....	" 306	370
Pescada .....	Uma 115	570

Verifica-se por aqui que actualmente é necessário a importância de 17538 para comprar a mesma quantidade de géneros que em 1914 custava 2561. É assombroso!

Um aumento aproximado de 700 por cento em artigos absolutamente indispensáveis.

Se fizesse referência a artigos de calçado, vestuário, mobiliário, produtos farmacêuticos, ferragens, meios de transporte, etc., reconhecer-se-ia que o custo da vida deve ter atingido pelo menos 900 por cento. Nove vezes mais!

É necessário, pois, que os estadistas que dirigem os destinos do país meditem nesta angustiosa situação e que os homens da finança, da indústria, do comércio e da lavoura promovam um movimento tendente a baratear a vida de acordo com o governo, reduzindo ao mesmo tempo os vencimentos e salários daqueles que também concorrem mais directamente para o agravamento do custo da vida.

O custo da vida vai-se agravando dia a dia duma forma assombrosa. Para mais enegrecer a situação, aparecem agora os senhores aumentando automaticamente as rendas das casas, em proporções fantásticas!

O momento é de sacrifício, mas o sacrifício deve ser distribuído por todos. Não sendo assim há injustiça, e a palavra injustiça é muito mal...

Era para isto que eu desejava que os homens da finança, do comércio, da indústria e da lavoura reparassem, a ver se conseguem remediar este mal, sem afectarem os interesses que legitimamente devem defender.

## As eleições na Alemanha

Curiosa maneira de as mulheres protestarem contra os governantes

BERLIN, 14. — Num artigo de fundo que publica o Berliner Tageblatt Domrowski torna as mulheres responsáveis pelo fracasso dos democratas nas últimas eleições. Diz que as mulheres votaram cegamente e em massas compactas com os partidos da opposição da direita e das esquerdas, querendo assim exprimir o seu descontentamento pelo preço elevado da manteiga e do aumento das tarifas dos carros. Segundo o autor do artigo até que as mulheres não estejam afastadas do poder público, não se poderá fazer obra útil pois, levadas pelos sentimentos impulsivos, tornarão o povo alemão vítima dos extremistas. — R.

## O que pensa a missão francesa

BERLIN, 14. — Ainda que as eleições alemãs sejam consideradas, nos círculos diplomáticos aliados, como um assunto interno do império, o resultado dos partidos das direitas causou uma impressão muito desfavorável entre os membros da missão francesa, que o consideram como uma ressurreição do militarismo alemão. — R.

## Müller e os socialistas maioritários

BERLIN, 14. — O chanceler Müller renunciou a formar gabinete em vista do deputado Lowe lhe ter declarado oficialmente que os socialistas maioritários se recusavam a fazer parte de um ministério da coligação. O deputado Heinze, chefe do partido popular alemão, foi, então, encarregado pelo presidente do império de formar gabinete. — H.

nela; mas não terá ele ainda outros sonhos? As poucas palavras que ela lhe ouvira trocaram com o marquês de Mondejar revelaram-lhe o espírito ao mesmo tempo ardente e reflectido de Padilla e as suas ideias generosas. Entende ele que a Espanha que expulsou os infiéis e conquistou um novo mundo, deve dar também a todos os povos o exemplo da grandeza moral. Preparam-se imensos acontecimentos neste começo de século em que o mundo frema ao sópro do espírito novo.

Devaneando Maria estugou o passo. — Senhora, repete a duena, não vos agrada descansar debaixo de alguma árvore? Poderíeis assim continuar a leitura. Não fica bem a uma senhora caminhar tão depressa e a toa.

Maria é moça mais de carácter firme; acha intolerável essa vigilância à qual a submetem as exigências da sua posição social. Sem irritação, responde com firmeza. — Obrigada, minha boa Dolorés. Podéis descansar o tempo que vos aprouver; quanto a mim, antes quero agora sonhar do que ler.

— Senhora, Virgem Santa! A uma moça não convém...

Maria não a escutava: já sabe de cor tudo o que a tia considera inconveniente para uma jovem solteira. O seu espírito independente e activo sempre se indignou secretamente contra tal tirania: sente em si aspirações, ideias confusas que a arrastam para outra vida. E contudo, crê-se sincera, essa espanhola de Toledo, segue-o a alma da jovem, vê-o no palácio de seu velho pai, passando pensativo. Com certeza, há de pensar

## Contra uma monstruosidade jurídica

Realizou-se anteontem, em Évora um importante comício de protesto contra a injusta condenação de onze trabalhadores rurais

ÉVORA, 13. — Como vinha sendo anunciado efectou-se hoje, na antiga praça das Mercês, o comício a favor da revisão do processo do conhecido caso da Associação de Malfeteiros, que correu no tribunal desta comarca. O comício estava anunciado para as 17 horas, mas só depois das 18 teve início, tendo concorrido, sem dúvida, para esse facto a circunstância de ter parado nas 16 horas, o relógio de Santo António, a praça do Geraldo, onde estacionava grande número de pessoas aguardando a hora aprasada.

### O Comício

Foi aberto pelo camarada Joaquim Nogueira, secretário geral da U. S. O., secretariado os camaradas Simão dos Santos, da U. S. O. e J. Candeira, da Federação Rural, colectividades que promoviam a reunião.

Le-se em primeiro lugar um officio da U. S. O. de Lisboa em que se protesta em termos enérgicos contra o «verdicto» do júri desta comarca.

Em seguida fala Joaquim Nogueira que diz: «Todos os homens livres e corajosos devem levantar a sua voz até às altas instâncias».

O orador ataca a fundo a justiça, a quem se alberga sob uma toga, na fardada refulgente do diplomata ou ainda sob a jaleca dum lavrador. E necessário fazer encolher as garras ao bando.

Faz alusão à ignorância dos jurados e à sua comprovada maldade, concluindo por afirmar que «foi a homens destes que se confiou a sorte dum punhado de inocentes».

Joaquim Candeira, que se segue no uso da palavra, declara que no processo do «oui dizer se fez feição da liberdade a quem mais dava, acrescentando que vasta rede estava armada para apanhar os incautos, segundo o orador depreende do «cá cáu» num um na rede» proferido pela acusação particular, quando do seu depoimento no já célebre julgamento.

Usa da palavra Carlos de Araújo, delegado directo da U. S. O. local junto da C. G. T.

Estamos em frente de uma das maiores vilanias que tem sido arremessadas à face da classe operária, exclama. «A seita jesuítica conta no seu activo mais uma monstruosidade». Pois bem, aqui não há quadrilheiros, há-os, é certo, do outro lado da barricada; todos nós conhecemos os componentes dessa maquiavélica associação: a Reação!

A seguir refere-se a prisão de António Peixe e ao caso dos mineiros de S. Pedro da Cova, pretendendo ver, em todos estes factos, a mão sinistra da reacção, sempre ela a maldita! A reacção impõe-se, mas, no melhor dos casos, quem indemnisa as vítimas?

Da sua mente não se apaga a visão do martirizado Miguel Faria, o amigo sincero dos que trabalhavam, bem como não esquece nunca Sebastião Cebola, o lutador e organizador sindicalista que todo o proletariado conhece e admira. São eles os mais naturalmente odiados e os que melhor se impõem.

A acusação particular no seu odio chegou ao cúmulo de cortar as relações com o nosso querido amigo o dr. Sobral de Campos; até nisto a perversão se manifestou exuberante!

Sabeis onde está a quadrilha? Procurai os proprietários, os moageiros, os monopolistas e aí encontrareis o bando atuando livremente.

Termina com a frase de Faria: mas que as lágrimas das seis crianças sejam o fogo sacrosanto que alimenta a Revolução Social.

Fala João Alcanena, como liberal e povo que é, lava o seu protesto. E um eco — do povo de Évora que ali se repercutiu. Não havendo crime, houve uma manifestação de espírito regressivo e mau; o povo que assistiu ao longo julgamento viu, ouviu e absolveu as vítimas, enquanto os jurados lhes verga as consciências ao peso do remorso. Foi a sua estupidez que arrempou onze criaturas para o cárcere.

porém, o povo aqui reunido está novamente fazendo justiça.

«Nós, o povo, temos que agir, porque, caso contrário, ai de nós, ai do liberais».

«Não, não podemos aceitar a decisão dum júri que condena sem provas e nem sequer sabe o que é aprovar por unanimidade!»

Condenaram ainda por as vítimas terem sido defendidas por um advogado socialista (O Mas que critério é este que aceita como boa a acusação dum advogado monárquico que tem embaraçado a república?)

As vítimas são ainda os que se bateram em Monsanto. Que contraste! termina o orador.

António Piloto, que faz um soberbo discurso, eloquente e enérgico, começa por lembrar as tradições liberais desta velha cidade que, entretanto, alberga no seu seio vícios humanos; lembra como elevação o que foi o falecido dr. Baraona, que toda Évora ainda hoje venera e o que é um carácter que se chama João José Perdigão, acudindo à cidade condenada a não comer pão, quando os verdugos estavam cheios dele; foi Perdigão que salvou a população de apuros e que manda fazer uma escola modelo, na vila de Azaruja, oferecendo-a à câmara municipal. Homem destes são raros. Piloto diz a seguir, sentir-se feliz em ver o convívio dos camponeses com os operários da cidade, convívio que se impõe na transformação social.

Num repto de eloquência, verbera a baixa de se obrigarem os rurais presos a fotografarem-se e correrem as colunas da imprensa burguesa.

O que ressaltou do depoimento das 40 testemunhas de acusação? Isto, só isto: ódio, ódio e ódio! Rememora aquela noite tétrica do julgamento, em que a falta de luz o tribunal era iluminado com velas bruxuleantes, movendo-se na sombra como fantasmas, figuras sinistras e espadas reluzentes e ameaçadoras...

Refere-se a Faria que aparece sempre que a República periga e assim se explica o ódio que os Loyolas lhe votam. Conta o caso de S. Pedro da Cova vendo estreita semelhança na factura dos dois processos. Lê o artigo de Gonçalves Correia, publicado em A Batalha, fazendo a proposta largas e interessantes considerações que despertam muito interesse nos circunstantes.

Cita a frase de António Maria da Silva: O país tem estado a saque, mas fomos nós, foi a arquitectada quadrilha, que o saqueou!

Fomos nós também quem assambarcamos os medicamentos, quando da pneumónica?

Foi a associação de malfeteiros de Évora?... Aí, camaradas, não pode e esta sociedade...

O orador que falou mais que hora e meia, termina referindo que ontem os senhores deram largo banquete, com vinho à disposição, para fazer animar a rapaziada, solenizando, assim, a sua torpe vitória. Este discurso foi muito bem recebido, sendo Piloto aplaudido.

Segue-se Joaquim Cardoso, segundo delegado directo da U. S. O. local junto da C. G. T.

«Amigos: O erro judiciário de Évora acaba de ser teatro é necessário que seja reparado.» A organização operária está vexada e é imperativo levantar a luva a nós lançada pelo bando negro».

Faz judiciosas referências aos casos Dreyfus e Ferrer.

Em França, em Espanha, como em Portugal houve sempre a onda avassaladora da reacção contra as liberdades, ameaça que é urgente deter, neste momento em que só a hora da liberdade do mundo. O momento que passa marca uma época. Os homens vão e as ideias ficam; pois que nos sacrificamos batendo a reacção de braço dado com a falsa democracia.

«Se for necessário tremos às cadeias

(Continua)



# Notas e Comentários

## Manobras dos as-sambarcadores

Da Arcada en-viam-nos esta no-ta:

A fim de me-lhor servirem os seus interesses especu-lativos, os retalhistas espalham o boato de que vai ser alterado o preço do azeite, passando o azeite fino para 1850 cada litro e o mais ordinário para 1820. O certo, porém, é que o governo não tenciona alterar a actual tabela.

Esperanças numa certa impunidade, os retalhistas estão também des-respeitando as tabelas, vendendo os géneros por preços superiores, como por exemplo, o arroz, pedindo alguns 1810 por cada quilo. Para castigar tais abusos o ministério da agricultura de-terminou que brigadas de agentes de fiscalização compareçam, desde hoje, em todos os bairros de Lisboa, proce-dendo energeticamente contra quem não acatar as tabelas em vigor.

O povo consumidor vai ter ocasião de mais uma vez avaliar a energia acção do governo para os assam-barcadores, que, sem dúvida, ficarão a rir-se como de costume.

**Tabaco** Se não fuma, toda a gente, uma grande parte gosta de aspirar ou um perfume de cigarro aristocrático ou um brejeiro pelintra. E como as "bichas" são o pão-nosso de cada dia, é ver o fiel cidadão à porta das tabacarias, apertado, pisado, maltratado, na ânsia de conseguir um pouco de tabaco para satisfazer aquele prazer que os orientais tiveram a dita de nos impingir, não sabemos há quan-tas centenas de anos.

Isto quando a omnipotente Cam-pañha e lembra de nos brindar com esse infamíssimo produto, o que raras vezes sucede, mas muito benevolentemente com o respectivo aumentinho... para não abrir falha...

Agora, porém, as "bichas" são mais interessantes, não encontrando nós a chave do enigma. Os fumadores for-mam em duas colunas à porta das tabacarias: uma constituída por indi-víduos da classe civil e outra por mi-litares, tendo entrada simultânea.

Não percebemos o motivo da distin-ção. Não dará boa liga a mistura de militares com civis?

E quedamo-nos pensativos, não sa-dar a liberdade às vítimas. Apoiado!

Apoiado! grito a multidão.

Fala novamente J. Nogueira que es-pera, não obstante os seus 56 anos, ver fazer a nova aurora social. Impõe-se a união de todos e que cada um de nós seja o porta-voz das vítimas, cinco das quais tem que dispendir 2008 escudos para pagarem as custas em que foram condenadas.

E' preciso, camaradas, que nos afir-memos solidarizando-nos com os mar-tires.

A seguir é lida a representação a en-viar ao presidente da Relação de Lisboa, representação já publicada em *A Bata-lha* e que é aprovada levantando-se uma flor-de-bras. E' igualmente apro-vada por braços levantados a seguinte moção.

O povo de Évora, reunido em comi-cio público para apreciar a decisão do tribunal desta comarca, sobre inocentes criaturas que foram ali levadas pela má-fé e pela ignorância, repugnante acção que se tem visto em tribunais portugueses, se supunha que a justiça representava a mais santa e a mais sagrada das concepções humanas.

Considerando que essa condenação representa o predomínio que as classes possuidoras têm sobre essa pseud justiça.

Considerando ainda que o advogado dr. Sobral de Campos anulando, pelo seu brilhante trabalho, uma acusação tam malevolamente fundamentada, manifestou um incorruptível carácter, tam raro nas classes chamadas intelectuais, resolve:

1.º - Nomear uma comissão consti-tuída por três habitantes da cidade, para que, juntamente, com o advogado dr. Sobral de Campos, se dirija, em nome do povo de Évora, ao Presidente da República, a fim de que este inter-venha com a sua alta influência, para que seja dada reparação não só às inocentes vítimas, mas também ao prestí-gio dos tribunais.

2.º - Que imediatamente se telegrafe ao sr. Presidente da República, notifi-cando-lhe estas deliberações.

3.º - Que igualmente seja enviado um telegrama saudando o grande advo-gado, dr. Sobral de Campos.

O proponente, José de Mira Neto.

Em harmonia com a primeira reso-lução da moção, nomeou-se a seguinte comissão: Perdigão Queiroga, proprie-tário e industrial, Gabriel Mendes, mestre de obras e João Alcanena, operário da Construção Civil.

Encerrou-se o comício às 20 e meia horas por entre vivas ao povo de E-vora e Abaixo a Reacção.

## Notas várias

Foram expedidos os seguintes tele-gramas: dr. Sobral de Campos, Asilo da Mendicância, Lisboa.

O povo de Évora reunido hoje em comício público, aprovou por unanimi-dade a moção de agradecimento e sauda-ção a V. Ex.ª, pela maneira honesta e brilhante como defendeu os rurais vití-mas da reacção infame. O presidente da mesa, Nogueira.

Ex.ª sr. Presidente da República. Lisboa. O povo de Évora reunido hoje em comício público, saudou V. Ex.ª como o primeiro magistrado da nação e protesta respectivamente contra a monstruosidade jurídica que levará à penitenciar os trabalhadores rurais inocentes, apelando para o carácter recto e justo de V. Ex.ª, no intuito de conseguir a reparação do erro judiciário no tribunal da Relação. O presidente da mesa, Joaquim Nogueira.

A saída do recinto do comício, esta-va um grupo de amigos com uma ban-deira, colhendo donativos para custear as despesas resultantes da condenação. Esta noite renderá perto de 70 escudos, registando-se a oferta duma caudal para a próxima loteria, com o n.º 2373.

VER NA 4.ª PÁGINA:

Secção de Hilaria de A Batalha

# A BATALHA

## Diário da manhã

### Publicações

Recebem-se na administração de *A Batalha* e em casa dos seus agentes das províncias, nas agências *União*, *Agência de Notícias*, *Radio* e demais agências de notícias. Não se publicam comunicados e anúncios com acusações a particulares ou a vida privada de qualquer pessoa.

### Calçada do Combro, 38-A, 2.º LISBOA-PORTUGAL

## Desleixo imperdoável

Informa-nos um operário da Com-pañhia Industrial de Portugal e Colónias (fábrica Companhia da Moagem), que na véspera de massas da rua 24 de Julho, pertencente à mesma, deu-se ontem um desastre grave, devido ao facto de nuns elevadores que ali existem não haver os devidos resguardos nos andares porque passam. Foi o caso que, uma saca de farinha, escapando-se por uma dessas aberturas, foi cair sobre dois operários que estavam no andar de baixo, deixando-os muito feridos.

Pede o informador providências aos poderes públicos, mas é esquece-se que a Companhia tem muito dinheiro.

## A questão da Biblioteca

A Sociedade Nacional de Belas Artes, a quem esta questão da Biblioteca in-teressa quase directamente, dirigiu aos senhores uma carta, cuja publicação nós pede, o que lamentamos não poder fazer devido à falta de espaço que nos lutamos constantemente.

Refer-se essa carta ao caso em que o nosso património artístico se encontra, devido à falta de fundos das entidades a quem compete protegê-lo.

Transcrevemos alguns períodos que mais claramente exprimem a vontade que anima a referida Sociedade de que esse caso se evite quanto possível:

É necessário que, sem prejuízo da con-servação e defesa dos importantíssimos valores arrecadados na Biblioteca Nacional, seja não só mantida, mas elevada a 100.000.000, a verba que o projecto a que nos referimos destinava a melhorias de natureza técnica e artística nos serviços de-

pendentes da Direcção Geral de Belas Artes.

É importante igualmente que não seja con-vertida em coisa sobre a qual se tenha posse de particulares, dando-lhes des-se modo, o carácter sumptuário de objectos de luxo, quando é necessário que eles sejam (quanto possível, para todos os compari-ras queridas de todas as horas, sempre ju-to de nós, e espiritualizarmos-nos a existên-cia, a consolar-nos das agruras da vida).

## Sociedades de Recreio

Grupo «Os bons amigos» - Fundou-se em 1 de Junho este grupo, nomeando a as-sembleia geral uma comissão que ficou com-posta dos seguintes membros: Alfredo Cor-reia, Amândio Rodrigues, Artur dos Santos, a qual está trabalhando com toda a activi-dade para fazer a inauguração do grupo no dia 1 de Julho, fazendo todos os esforços para que esse resultado brilhante se consi-gua para isso com a cooperação de todos os associados. A sede provisória é na rua Ma-rie Pia, 99.

## Juventudes Sindicalistas

Núcleo de Belém. - A conferência que de-veu realizar o camarada M. J. de Sousa e que estava anunciada para hoje neste Núcleo, fica transferida para a próxima terça-feira, 22 do corrente.

Núcleo da Construção Civil. - Reuniu on-tem a comissão organizadora dos seus traba-lhos, para continuação dos seus trabalhos, fi-cando definitivamente organizado e com a sua sede na calçada do Combro, 38-A, 2.º, onde todos os dias se procurará adaptar de-sde os dias de hoje, a fim de que todos os jovens saibam corres-ponder ao nosso apelo, incrementando-se como sócios. A comissão organizadora é com-posta dos seguintes camaradas: Manuel Gon-çalves, Pedro Nunes, Manuel Rodrigues, Amé-rico Ernesto Dias da Silva, Alberto Casta-lheira, Araújo Pereira e Gustavo Neves.

# A BATALHA

## Diário da manhã

### Publicações

Recebem-se na administração de *A Batalha* e em casa dos seus agentes das províncias, nas agências *União*, *Agência de Notícias*, *Radio* e demais agências de notícias. Não se publicam comunicados e anúncios com acusações a particulares ou a vida privada de qualquer pessoa.

### Calçada do Combro, 38-A, 2.º LISBOA-PORTUGAL

## Desleixo imperdoável

Informa-nos um operário da Com-pañhia Industrial de Portugal e Colónias (fábrica Companhia da Moagem), que na véspera de massas da rua 24 de Julho, pertencente à mesma, deu-se ontem um desastre grave, devido ao facto de nuns elevadores que ali existem não haver os devidos resguardos nos andares porque passam. Foi o caso que, uma saca de farinha, escapando-se por uma dessas aberturas, foi cair sobre dois operários que estavam no andar de baixo, deixando-os muito feridos.

Pede o informador providências aos poderes públicos, mas é esquece-se que a Companhia tem muito dinheiro.

# A BATALHA

## Diário da manhã

### Publicações

Recebem-se na administração de *A Batalha* e em casa dos seus agentes das províncias, nas agências *União*, *Agência de Notícias*, *Radio* e demais agências de notícias. Não se publicam comunicados e anúncios com acusações a particulares ou a vida privada de qualquer pessoa.

### Calçada do Combro, 38-A, 2.º LISBOA-PORTUGAL

## Desleixo imperdoável

Informa-nos um operário da Com-pañhia Industrial de Portugal e Colónias (fábrica Companhia da Moagem), que na véspera de massas da rua 24 de Julho, pertencente à mesma, deu-se ontem um desastre grave, devido ao facto de nuns elevadores que ali existem não haver os devidos resguardos nos andares porque passam. Foi o caso que, uma saca de farinha, escapando-se por uma dessas aberturas, foi cair sobre dois operários que estavam no andar de baixo, deixando-os muito feridos.

Pede o informador providências aos poderes públicos, mas é esquece-se que a Companhia tem muito dinheiro.

## A obra de Krassine

Um colaborador de *Le Populaire*, de Paris, conta que tendo encontrado um velho militante das organizações socia-listas russas, ele lhe forneceu dados in-teressantes sobre Krassine, o iminente plenipotenciário dos Soviéticos, que ac-tualmente se encontra em Londres, ne-gociando o restabelecimento das relações entre a Inglaterra e a Rússia, afirmando o articulista que a própria imprensa bur-guesa deve prestar-lhe homenagem, pois que é um homem de valor.

Sobre esta figura, já agora histórica, tem-se dito coisas várias, especialme-nte nada abonatórias no respeitante às suas convicções revolucionárias, sendo até apresentado como um burguês de intenções reservadas.

Mas acompanhemos o colaborador em questão, aguilhoado, como nós, pelo desejo de saber coisas sobre o per-sonagem russo.

## Krassine é um velho militante

«E' exacto» - perguntou ele - que Krassine seja, como se tem dito, um grande engenheiro burguês, cujos ser-viços foram procurados pelos bolchevis-tas depois da Revolução, como sucedeu por exemplo, com Broussiloff e tantos outros generais e técnicos do antigo re-gime?

«Não, isso é uma maneira incorrecta de apresentar as coisas. Na realidade Krassine é um antigo membro do par-tido social-democrata russo. Faz parte dele há mais de vinte e cinco anos!»

Quando se produziu a cisão neste partido, em 1904, dividindo-se em bol-chevistas e menchevistas, sendo os primei-ros dirigidos por Lênine e os segundos por Plekhanoff, Martoff e... Trotski, Krassine acompanhou Lênine.

«E' portanto um velho militante?»

«E um militante que tem sofrido muito pela causa da Revolução! Esteve várias vezes preso na fortaleza de S. Pe-dro e S. Paulo e deportado na Sibéria.

## E' um técnico de primeira ordem

«Mas, o que há de verdade nessas histórias, em que o apresentam como tendo dirigido as vastas oficinas que possuía, na Rússia, a firma Siemens?»

«Isso é exacto. Krassine é sem con-ta um dos mais brilhantes engenheiros e técnicos que possui a Rússia. Isto lhe valeu ser posto à testa das v-s-tas oficinas eléctricas Siemens. Quando surgiu a guerra, estava quase exclusi-vamente ocupado nesses negócios indus-triais.

«Pretende-se que ao princípio da Revolução, ele era hostil aos bolchevis-tas.

«Por essa ocasião estava ele em Es-tocolmo e conhecia mal as condições em que se tinha realizado a segunda revolução de Novembro de 1917. E' certo que Lênine, numa das suas bro-churas, expõe as objecções que Krassine tinha oposto, numa conversação, à «ex-periência» que ele julgava prematura e arriscada do partido comunista russo.

Mas não é menos certo que ele não hesitou em responder ao apelo que lhe fez o Partido, sendo comissário do po-povo, durante dezasseis meses, ao lado de Lênine, Tchitcherine, Trotski, etc. Ele pôs, ao serviço da obra grandiosa da reorganização da Rússia, as suas emi-nentes qualidades de técnico e de hom-em de negócios, e ser-me-iam precisas algumas horas para traçar toda a sua obra.

O que vos posso afirmar, - conclui o velho revolucionário russo - é que ele impressionou profundamente Lloyd Geo-ge e todos os ministros ingleses...

E' o que se observa, com toda a evi-dência, na leitura da imprensa de Lon-dres, remata o colaborador de *Le Po-pulaire*.

## Rendimentos dos operários

Na enfermaria 3 (S. João Baptista) do hospital de S. José, onde foi conduzido por um auto da Cruz Vermelha, deu entrada Julio Rita, de 19 anos, cabocreiro, natural e residente em Pedrogão Grande, que ali foi colhido por uma pedra numa pedreira em Cobrel, onde trabalhava.

Depois de receber os primeiros socorros no posto da Cruz Branca, em Cacilhas, foi transportado ao hospital de S. José onde foi tratado no Banco, segundo depois pa-ra casa. Raul Gomes, de 42 anos, caboc-reiro, residente em Almada, que caiu de um andaime no vapor «Maria Leonor» ali fun-dado, ficando ferido na cabeça.

Um dos autos da Cruz Vermelha também conduziu ao hospital de S. José onde ficou internado na enfermaria 4 (Santo António), Manuel Luis, de 60 anos, carreiro, morador na Cascalheira, que andando a carregar en-tulho para o vassouro de S. Sebastião da Pedreira, foi ferido pelo boi que puxava a carroça.

## NA POLÓNIA

### Resoluções dum congresso ope-rário

VARSÓVIA, 14. - O congresso na-cional operário, que se celebrou nesta capital, pronunciou-se pela solidari-dade nacional, e contra a luta de classe, sem guarda. Também votou por unan-imidade, felicitações para o general Pilsudsky e para o exército polaco pe-lo seus recentes êxitos pedindo que se ponha cêbros às tropas alemãs nos territórios em plebiscito. - R.

### A Polónia vai negociar a paz?

LONDRES, 14. - O correspondente do *Times* em Varsóvia declara que, segundo certas informações de pessoas que tratam directamente com o minist-rio dos negócios estrangeiros, sr. Pa-tecki, é permitido crer que uma vez a região do Dvina e da Duna desmaba-rçada dos bolchevistas, o programa po-lítico que demonstrara estar a Polónia disposta a negociar a paz. - R.

# A BATALHA

## Diário da manhã

### Publicações

Recebem-se na administração de *A Batalha* e em casa dos seus agentes das províncias, nas agências *União*, *Agência de Notícias*, *Radio* e demais agências de notícias. Não se publicam comunicados e anúncios com acusações a particulares ou a vida privada de qualquer pessoa.

### Calçada do Combro, 38-A, 2.º LISBOA-PORTUGAL

## Desleixo imperdoável

Informa-nos um operário da Com-pañhia Industrial de Portugal e Colónias (fábrica Companhia da Moagem), que na véspera de massas da rua 24 de Julho, pertencente à mesma, deu-se ontem um desastre grave, devido ao facto de nuns elevadores que ali existem não haver os devidos resguardos nos andares porque passam. Foi o caso que, uma saca de farinha, escapando-se por uma dessas aberturas, foi cair sobre dois operários que estavam no andar de baixo, deixando-os muito feridos.

Pede o informador providências aos poderes públicos, mas é esquece-se que a Companhia tem muito dinheiro.

## O bolxevismo na Pérsia

A propaganda bolchevista torna-se cada vez mais insistente no norte da Pérsia e toma um carácter nitidamente anti-ingles. Emissários russos percorrem a região de Tauris, o Turquestão e as costas do Cáspio.

Nos arredores de Kazvin Mirza, Kioutche Kahn organizou elementos que fazem causa comum com os bolche-vistas contra os ingleses. Propagandis-tas recrutados pelos russos entre os operários do Cáspio, tem chegado em massa a Enzeli. Eles pregam a or-ganização dos soviets.

O governo persa tenta recrutar tropas para resistir à invasão bolchevista, pensando poder pôr em pé de guerra al-guns batalhões de gendarmes e de co-sacos, mas o jornal francês, *Le Temps*, afirma que «esta última esperança é muito frágil», opinião de que partilham os revolucionários condecorados do que vai pela Pérsia.

## A embrulhada mexicana

Os nossos leitores tem mais ou me-nos acompanhado a série interminável de insurreições de que tem sido teatro a república do México, travando-se lu-tas das mais sangrentas, entre partidá-rios de diversos generais, que se tem batido e derrotado mutuamente, pa-rece que animados por baixas paixões, não só de predomínio político, mas também de interesse mercantil.

Algumas figuras se tem revelado como é natural, no meio de tanta lama, desejosas de servir a causa do povo e a independência do seu país, mas outras só tem provado servir os interesses industriais e comerciais de capitalistas estrangeiros, ingleses e americanos, ao que parece, que lutam pela conquista das riquezas petrolíferas do México.

A morte recente do presidente da re-pública, harranza, obedeceu ao desejo dos grupos de afastar o obstáculo à vitória das suas pretensões, o qual defendia as ambições do grupo oposto, conforme se depreendia das notícias que apareceram por essa ocasião.

Nestas pequenas coisas de todos os dias, encontra-se, por vezes, a explica-ção de certas atitudes, que os povos ignorantes ou pouco observadores to-mam como manifestações dum patrio-tismo sem limites e desinteressado.

Um telegrama do México, publicado em *El Socialista*, de Madrid, diz que a nova orientação do México preocupa vi-vamente a opinião americana. Os homens de negócios de Nova York reconhecem que a situação continua a ser complexa e que é difícil traçar uma directriz pre-cisa.

A revolução colocou em primeiro lo-gar a Obregon, em volta dele se con-centra agora o interesse principal do drama.

Até 1918 Obregon era um general hostil, como tantos outros, aos Estados Unidos, mas nesse mesmo ano fez uma viagem: aquela república e, segundo se afirma, compreendeu então a grandeza, prosperidade e força da América do Norte.

Diz-se também que chegou a conven-cer-se que os Estados Unidos tinham para com o México uma política com-pletamente desinteressada.

A regressar ao seu país, Obregon in-fligiu uma grave derrota aos grupos de Vila. Depois estabeleceu-se como agente de negócios e fez uma fortuna de 300.000 a 400.000 dólares, no comércio de exporta-ção. Exportou especialmente grandes quantidades de ervilha mexicana para Espanha.

Os norte-americanos estão em muito boas disposições para com ele. Dizem que é um excelente homem de negócios e que é necessário negociar com Obregon.

O que o telegrama não diz é que o povo é a eterna vítima de tais negocia-ções, que, certamente, ainda não de-cusar muito mais sangue aos trabalhadores do México.

## A reconstrução social na Rússia

O coronel Malone, membro do par-lamento inglês, de volta duma viagem à Rússia, publicou um livro «A Repú-blica Russa», de que damos o seguinte fragmento, em que ele trata da recons-trução social, levada a cabo pelos bol-chevistas na Rússia.

«Sábado, 4 de Outubro de 1919, Mos-cou. ... Mais tarde, fui à escola Santa Catarina de que uma parte está ainda destinada às crianças, e a outra parte à formação de professores - especial-mente em trabalhos técnicos.

As crianças pareciam-me de perfei-ta saúde e serem bem alimentadas, mau grado a falta de alimentos.

Foram estabelecidas condições espe-ciais para favorecer o melhor possível estas crianças; elas recebem rações de leite, mel, pão e peixe, que as pessoas adultas nem sempre podem obter; as crianças que são de diversas origens, e algumas muito bem educadas, tem um grande jardim, situado na retaguarda da escola, onde se recreiam.

O serviço da correspondência na Rús-sia dos Soviéticos é gratuito.

Domingo, 5 de Outubro. - Esta ma-nhã, visitámos a Exposição da Maten-ridade e da Educação das Crianças, E' uma outra forma de propaganda médi-

# A BATALHA

## Diário da manhã

### Publicações

Recebem-se na administração de *A Batalha* e em casa dos seus agentes das províncias, nas agências *União*, *Agência de Notícias*, *Radio* e demais agências de notícias. Não se publicam comunicados e anúncios com acusações a particulares ou a vida privada de qualquer pessoa.

### Calçada do Combro, 38-A, 2.º LISBOA-PORTUGAL

## Desleixo imperdoável

Informa-nos um operário da Com-pañhia Industrial de Portugal e Colónias (fábrica Companhia da Moagem), que na véspera de massas da rua 24 de Julho, pertencente à mesma, deu-se ontem um desastre grave, devido ao facto de nuns elevadores que ali existem não haver os devidos resguardos nos andares porque passam. Foi o caso que, uma saca de farinha, escapando-se por uma dessas aberturas, foi cair sobre dois operários que estavam no andar de baixo, deixando-os muito feridos.

Pede o informador providências aos poderes públicos, mas é esquece-se que a Companhia tem muito dinheiro.

## COMUNICAÇÕES

**Empregados de fotografia.** - No preterito dia 9, reuniu em assembleia geral esta classe, para apreciar as novas bases da futura cooperativa de produ-ção, sendo aprovadas. Foram apresen-tados os resultados das últimas demar-chas efectuadas pela comissão executiva, no que se refere ao aumento de salário por esta classe reclamado ao patronato, o que agradou à assembleia.

Continua esta comissão a empregar todos os esforços para que sejam aten-didas as reclamações nas oficinas que ainda o não fizeram. Porém, como são poucas as casas que ainda não satisfa-zem o seu pessoal, isto por um espírito mesquinho, mal de que a maioria das industriais sofre, quando lhes reclama-mos um pouco de bem estar, e dos quais está pendente a solução do con-flito, espera esta comissão que em bre-ve se dê por arrumado o assunto, ape-lando para a consciência da classe, a que não abdique dos direitos a que tem jus. Para preenchimento das vagas havidas, para corpos gerentes e re-presentantes deste sindicato, foram elei-tos os seguintes camaradas: Assembleia ge-ral: 1.º secretário, Clemente J. de Sá, delegado a P. do L. e do J., Joaquim A. Salte.

**Operários de tecidos de seda.** - A comissão de melhoramentos recebeu a comunicação de que os industriais srs. Abranches e Tota tinham declara-do o *lock-out*. Em vista de tal atitude, será convocada a assembleia geral, pa-recendo que a disposição é de serem abolidas as 2 horas suplementares, re-claimar melhoria de situação e o paga-mento dos dias de *lock-out* de que esta classe não tem responsabilidade.

## CONVOCAÇÕES

**Federação do Livro e do Jornal.** - Reúne hoje, pelas 21 horas pre-fixas, o Conselho Central com o Secretário, para tratar de assuntos importantes.

**Federação Nacional da Construção Civil.** - Reúne hoje, pelas 21 ho-ras, o Conselho Federal para tratar de questões pendentes que demandam ur-gente solução.

**Conselho Técnico.** - Reúne hoje, às 20 horas, todos os delegados do con-selho técnico, juntamente com os dele-gados da Federação, para tratar dum assunto importante e urgente.

**União dos Sindicatos Operários.** - Reúne hoje, pelas 20 horas pre-fixas, a comissão administrativa deste or-ganismo. Necessária se torna a presen-ça de todos os seus componentes dada a importância dos assuntos a tratar. Ten-do a comissão administrativa deste or-ganismo a absoluta e imprescindível ne-cessidade do conhecimento, por parte dos sindicatos de Lisboa e dentro da Confederação Geral do Trabalho e evi-dentemente aderentes a esta União Lo-cal, do número exacto dos sindicatos, novamente se notifica, por este meio, aos referidos sindicatos para que, no mais curto prazo de tempo possível, nunca ultrapassando o final do corrente mês, lhe seja enviada nota com esse nú-mero no final do mês p. p., isto para servir de base a trabalhos a que este organismo tem de lançar mão com bre-vidade, como lhe pertence.

Mais se notifica aos mesmos sindica-tos, e isto a fim de regularizar as res-pectivas contas de cotizações, o comi-cio imediato com urgência os dias e horas das reuniões das comissões adminis-trativas para não prejudicar a acção deste organismo em trabalhos a que imedia-tamente se tem de dedicar.

Aos sindicatos que tem de proceder à nomeação dos seus delegados, lembra a comissão administrativa a conveniên-cia de que essas nomeações se façam rapidamente e isto porque se torna ur-gente a reunião do Conselho de Dele-gados, que talvez seja ainda na presen-te semana, em dia previamente anun-ciado.

De todos os assuntos acima descritos, espera a comissão administrativa o fiel cumprimento por parte dos sindicatos de Lisboa.

A comissão administrativa deste organismo convida a comparecerem hoje, pelas 21 horas, na sua sede, a actual comissão administrativa do Sin-dicato Unico Metalúrgico e a anterior, e bem assim o presidente da última as-sembleia geral, para tratar dum assunto muito importante e urgente.

**Sindicato Unico da Construção Civil.** - Para resolver vários assun-tos

ca agindo sob o controle do Comis-sariado da Saúde Pública.

A Exposição - estava repleta de visi-tantes; alguns grupos de mulheres eram guiadas na sua visita e recebiam ins-truções especiais. Há secções que tratam dos cuidados a dar às crianças por meio de grandes ilustrações coloridas ou não, e por meio de modelos demonstrando detalhes, tais como a maneira correcta de pegar numa criança, métodos de vestir, de nutrição, aleitamento, respi-ração, etc.

Há uns quadros que mostram a com-paração da mortalidade infantil em di-ferentes países na proporção da cultura das mães, e nos países alcoólicos.

Uma outra secção da Exposição tra-tava da alimentação, dos tipos de ali-mentos a fornecer às crianças, daqueles que devem ser tomados pelas mães gra-vídas, os utensílios a empregar, a ne-cessidade de limpeza, o perigo das mos-cas e centenas de detalhes que indicam a diferença entre a saúde e a doença, entre a força e a fraqueza das gerações recém-nascidas.

...Fomos à célebre galeria Tretyakob que continha magníficas colecções de pintura de Shishkin, Verestcadgin, Perov, Kramskoi, Repin e Makovski, colecções completadas hoje, segundo se me disse, com obras de arte que faziam parte de colecções particulares.

A multidão que passava através das galerias, era composta de várias classes de povos diferentes; há sempre muita gente por toda a parte.

Malone é burguês, mas como é um

# A BATALHA

## Diário da manhã

### Publicações

Recebem-se na administração de *A Batalha* e em casa dos seus agentes das províncias, nas agências *União*, *Agência de Notícias*, *Radio* e demais agências de notícias.



CONTOS DE «A BATALHA»  
UM REVOLTADO

Ao ver-nos sentados num grande pedregulho do extenso quebra-mar, comendo placidamente as lapas e as ameijoas que pouco antes tinhamos apanhado, nenhum amigo da ordem, nenhum endinheirado que passasse ocioso, buscando degerir sem custo os bons bocados de trabalho dos pobres, não se atrevera a interromper-nos, não se atrevera a interromper-nos, não se atrevera a interromper-nos...

Escolas Móveis  
BREVEMENTE  
Anúncios gratuitos

O art. 31.º do decreto n.º 5.336 estabelece que os cursos das Escolas Móveis durem 10 meses e o art. 32.º que a abertura dos trabalhos escolares se realize no dia 1.º de Outubro. O encerramento do ano lectivo effectuar-se-á, pois, em 31 de Julho nestas escolas, devendo realizar-se na última quinzena deste mês as provas de aproveitamento dos alunos, menores de 12 anos, e também as dos maiores desta idade que deixaram de as prestar em Abril.

Nem todos os professores instalaram as Comissões Amigos da Escola, a que se refere o capítulo 1.º do referido decreto. A falta de cumprimento do disposto neste capítulo importará a perda do subsídio concedido aos alunos pobres das escolas que não tinham as Comissões organizadas, além de revelar a inactividade dos respectivos professores que assim se desinteressaram da obra, considerada hoje indispensável para o bom funcionamento das escolas — a assistência escolar. Prevê-se, por isso, que os professores que não deixem de remeter a cópia da acta da instalação daquelas Comissões até 30 do corrente, dia em que termina o actual ano económico.

A Inspecção tem conhecimento oficial de se terem organizado jurys para examinarem as provas de aproveitamento das missões. A Inspecção informa que só no fim do próximo ano lectivo esses jurys se organizarão, por só então haver exames de encerramento das missões, e que só a ela compete a organização desses jurys e não a outras entidades, conforme o disposto no art. 35.º do citado decreto. No actual ano lectivo as provas são dirigidas pelos professores em presença das comissões e outras entidades por ventura por eles convidadas, conforme foi recomendado na circular n.º 21 e remetida pela Inspecção a todas as Escolas.

A Inspecção previne todo o professorado das Escolas Móveis que o vencimento do próximo mês de Julho estará, como o de Agosto e Setembro a pagamento no Banco de Portugal nos primeiros dias daquele mês, a fim de que todos os professores possam receber antes da sua partida para férias. Vão remeter-se, para esse fim, recibos próprios a todos, que deverão encerrar algum dia a sua cobrança.

CONFERÊNCIAS

Sociedade Naturista Portuguesa. — No sábado último realizou-se no Ateneu Comercial de Lisboa, pelas 21 horas, a anunciada conferência do apóstolo do naturismo sr. Eliezer Kaminitzky, apresentado ao auditório pelo professor de comércio sr. Horácio Inglês Soares. O conferente a seguir demonstrou com frases sugestivas os efeitos perniciosos dos fumos venenosos que são a causa do tabaco e do álcool, sem estes venenos, que retardam a marcha evolutiva da humanidade, o paraíso terrestre que parece uma missão, seria então realizável. Por isso pede às mães mais alguma atenção para com os filhos, tornando-os mais sensíveis e humanos.

Repara-se uma arbitrariedade  
Foram ontem reabertas as Associações de Classe do Pessoal dos Correios e Telégrafos, reparando-se assim a arbitrariedade cometida para com aquelas colectividades.

possível concretizar numa só, as feras que andam à solta no mundo social. «Vesúvio» ergue-se. De pé sobre o grande penedo, tomara um aspecto soberbo. Parecia uma estatua colossal, viva, que investia e ia esmagar a sociedade ignóbil, cujo sentir e pensar está consubstanciado no recheio dos cofres fortes.

A sua attitudé era, na verdade, sublimada. Os olhos falcavam; os braços e as pernas desenvolviavam uma força hercúlea, como se quizessem reduzir a pó todo um mundo de asquerosidades; os cabelos tinham ondulações estranhas. «Vesúvio» arrebatava-se, excedia-se. O burguês ventruado que naquele momento se tivesse avizinhado de nós, caíra, sem dúvida, mortalmente ferido de terror. «Vesúvio» era o vulcão humano que, como o outro arreassando fogo e lava, explodia em amor e odio causando a um mesmo tempo temor e admiração.

O mar, batendo furioso contra as pedras do molhe, bramava numa rebenção profunda e ronca, semelhante ao estertor da fiera debatendo-se num ultimo arranco entre as mãos vigorosas da justiça, porque os fracos há tanto tempo clamam. Eu proprio julgava sentir sob os meus dedos, a garganta mole e gorda do grande monstro, fazendo ranger e estalar sob eles, os ossos asperos e cortantes. Não receio — continuou elle, completamente senhor de si, — essas feras. E' brutal e estúpida a luta, sem dúvida, mas não é possível, nem deve, ter-se sorrisos e afagos para o monstro, quando a todas as horas, a todos os instantes, se vê, se sente estrugir entre as suas garras, estalar sob a sua forte e aguçada dentadura, a carne e os ossos dos nossos irmãos; não é possível, nem deve ser-se humano para a fiera, quando se sabe, se vê, se sente como ela ce-

Ferrovieiros do Vale do Vouga  
COMO SE DESMENTE A PRETENDIDA INSUBORDINAÇÃO DO PESSOAL

Publicou há dias grande parte da imprensa uma espalhafatosa noticia em que se insinuava a insubordinação do pessoal ferroviário do Vale do Vouga e a expulsão do respectivo chefe de exploração, pelo facto de não ter atendido nas reclamações que há tempos vem de fazer.

A par desta noticia bordaram-se as mais fantásticas mentiras, a ponto de se pretender convencer a opinião pública de que os reclamantes haviam nomeado uma comissão administrativa para dirigir o tráfego naquela rede, à mistura com outras coisas que desnecessário se torna reproduzir.

No desejo de bem informar-nos sobre a verdade dos factos, pois tudo nos levava a crer que as noticias vindas a público não correspondiam à verdade, antes se pretendia criar uma atmosfera de antipatia áquelas camaradas, que, na presente conjuntura, são dos mais miseráveis salários auferem. Porém, os ferroviários do Vale do Vouga, no ardente desejo de esclarecerem o que se passava, em contraposição ás mentiras de certa imprensa, talvez inspirada por criaturas que a todo o transe pretendem maliciar as suas boas intenções, enviaram aos jornais que tais informações publicaram uma carta na qual, com a maior clareza, expõem os factos tal como se tem passado desde o inicio das suas reclamações.

E' essa carta que publicamos a seguir, inferindo-se dela que não passou dum torpe calúnia a noticia que circulou por diversos jornais, desfazendo por completo as suas errôneas afirmações.

«Depois de várias tentativas junto da Direcção da Companhia para conseguirmos uma melhoria de situação, principiada em Dezembro do ano findo, pouco mais ou menos, e vendo-as improficuas, resolvemos, aproveitando a occasião em que ia ser publicado o decreto modificando o regime tarifário de então, dirigir-nos ao governo a fim de conseguirmos chegar ao fim desejado. As tarifas iam ser aumentadas cinquenta por cento, já com a condição destes serem para beneficiar o pessoal; mas como fosse reconhecida a insuficiência desta sobretaxa, o mesmo governo concedeu autorização para se elevava essa sobretaxa a cem por cento.

Como nessa altura estivessem presentes delegados deste pessoal, engenheiro representante da Companhia e outras entidades, e como ainda o sr. engenheiro representante não tivesse accedido ás nossas reclamações, que orçavam em 10.500\$000 escudos mensais, foi estabelecido, a contento de todos, que 40 por cento da sobretaxa de 100 por cento com que iam ser sobrecarregadas as tarifas, seriam para o pessoal.

Até aqui tudo foi bem, mas infelizmente adormecemos sob os louros da vitória confiados nas promessas verbais expressas na inextinguível conferência entre o exm.º sr. Jorge Nunes, então ministro do comércio, directores de várias Companhias e respectivos delegados do pessoal. A fuga ao compromisso tomado iniciou o combate e, contra

talecer a felicidade, e isso tudo não é para eles, que morrem produzindo, mas para os outros que vivem destruindo a paz e a felicidade comum. Envergonha-te, o sol; desaparece, deia morrer gelada uma humanidade indigna da vida e da alegria que o teu calor e o teu brilho proporcionam!

O sol sumiu-se rapidamente, occulto por umas nuvens pardacentas que elle, pouco a pouco, foi doutrando e matizando dum tom levemente carminado. Parecia corresponder ao ultimo apelo de «Vesúvio». Elle lá estava, denunciando-se pelo rosto luminoso e colorido que indicava o ponto da sua fuga, mas parecia buscar a morte numa multidão de matizes variegados e soberbos, como a satisfazer-se das misérias que tinha presenciado, desentranhando-se numa derradeira e efusiva alegria, até então nunca vista.

A noite surgiu rápida e fria. Abandonámos aquele lugar tão querido de nós, e cada um voltou à dura realidade da vida, desta vida miserável que os homens arrastam, e que encontra tantos que defendem como verdadeira e justa. Um ultimo abraço apertado e sentido, como só as almas irmãs sabem produzir, foi a nossa despedida.

Algumas vezes voltei ainda áquella molhe, passando horas intermináveis sobre aquele penedo, enquanto «Vesúvio» seguia viagem no labutar constante pela existência. Nunca mais nos avistámos. Quantas horas tristes, mas felizes, elle terá ainda lá passado?

Estão longe essas paragens, onde eu passei, é certo, as horas mais amargas da existência, mas onde tive a alegria inefável e completa que prepara, que adentra o individuo para a luta, a ponto que, embora esmagado, vencido, elle conserva sempre energia, animo para marchar bem disposto para o combate.

Augusto MACHADO

A BATALHA  
NA PROVÍNCIA  
NÓS ARREDORES

QUIMARÃES, 12

Ainda a greve da construção civil — A vida de «A Batalha» — O agorá

Correu devesas animada a reunião da construção civil, que fora convocada para ontem, com o fim de se saber se os mestres tinham cumprido com o que assinaram sobre o aumento de salário.

Interrogados os operários de diferentes mestres, todos responderam afirmativamente, mas, como ainda faltassem alguns, ficou marcada nova reunião para terça-feira, 15, onde deve ficar liquidado o assunto definitivamente.

Foi também nesta reunião muito discutida a situação em que actualmente se encontra o nosso órgão «A Batalha», tendo os coprocedores declarado que já tinham principiado durante a greve, continuando agora novamente na sua missão, esperando que de os melhores resultados.

Desta forma, estamos aptos a poder entrar nessa luta que amanhã teremos de travar para a conquista completa dos nossos direitos.

«Não horas de despertar. Avante, pois. — Devia ter sido feita já a regulamentação das 8 horas de trabalho, como estava prometido pelo governo.

Oxalá que o decreto não vá sofrer o mesmo que sofreu o que foi apresentado pelo então presidente do ministério Domingos Pereira, que foi o de dormir o sono dos justos nos calçadões da Imprensa Nacional ou ficar na porta do ministério de trabalho.

FAFE, 13

Falsa orientação dum sindicato

Há nesta florestosa e risonha vila uma associação denominada dos empregados do comércio, que nada tem de associação para tratar dos interesses dos seus associados, pois a direcção que se encontra à sua frente não procura de maneira alguma melhorar a situação dos empregados do comércio de Fafe. Disse, porém, ninguém se admira porque o tempo de que essa direcção dispõe é só para andar a propalar por todos os cantos que dentro em breve teremos cá novamente a seita da traulândia.

Venho daqui, pois, protestar contra a direcção da Associação dos Empregados do Comércio de Fafe, para que de futuro procure melhorar a situação dos seus associados, em vez de andar a perder tempo fazendo a apelação de regimes que desajazeceram envoltos em escândalos de toda a ordem.

Fazia melhor figura a tal direcção, e isso mais honroso, se os empregados do comércio de Fafe, para que de futuro procure melhorar a situação dos seus associados, em vez de andar a perder tempo fazendo a apelação de regimes que desajazeceram envoltos em escândalos de toda a ordem.

A Associação dos Empregados do Comércio de Fafe, para que de futuro procure melhorar a situação dos seus associados, em vez de andar a perder tempo fazendo a apelação de regimes que desajazeceram envoltos em escândalos de toda a ordem.

Reina grande entusiasmo entre os camaradas de Oeiras para receber os sócios do Grupo Dramático e Musical Solidarieidade da Construção Civil de Lisboa, festivamente.

A comissão encarregada de levar a effecto o referido passeio tem trabalhado assiduamente na elaboração do programa.

Já foram procurados bastantes bilhetes, mas só hoje são postos à venda no Sindicato Unico da Construção Civil e na sede do grupo, rua do Sol, a Santa Catarina, 40, das 21 ás 23 horas.

A aquisição dos bilhetes, que custam 1500' pode ser feita de uma só vez ou por cotas semanais de 25\$.

A receita liquida será dividida em duas partes, uma destinada a «Batalha», a outra ao Grupo Dramático e Musical Solidarieidade da Construção Civil.

Cooperativa Fabril Naval

AVISO

De harmonia com o disposto no parágrafo 2.º do artigo 22.º do Estatuto, são convocados a reunir em assembleia geral extraordinária, os sócios desta cooperativa, no dia 21 do corrente, pelas 17 e meia horas, no edificio da Secção de Transportes, para a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Resolver sobre a adesão desta cooperativa à Federação Nacional das Cooperativas.

2.º Tomar conhecimento e resolver acerca do pedido de demissão do director-gerente e sua substituição.

Lisboa, 13 de junho de 1920.

O presidente da mesa, (a) Rail de Almeida

A APARECER BREVEMENTE:

“A CONCEPÇÃO ANARQUISTA DO SINDICALISMO,,

POR NENO VASCO

Editado pela secção editorial de A BATALHA



82 PORTO, RUA SA DA BANDEIRA, 222